



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENEM:
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DE QUESTÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

THAYNÁ JESUS DOS SANTOS

**ITABAIANA/SE
2025**

THAYNÁ JESUS DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENEM:
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DE QUESTÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Rosalvo Costa

**ITABAIANA/SE
2025**

THAYNÁ JESUS DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENEM:
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DE QUESTÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Aprovado em: ____/____/____.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, à seguinte Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Rosalvo Costa – UFS
Universidade Federal de Sergipe
Orientador

Prof. Dr. Beto Vianna – UFS
Universidade Federal de Sergipe
Examinador

**ITABAIANA/SE
2025**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela força e coragem que Ele me concedeu para seguir em frente, sem jamais desistir. Como está escrito em Filipenses 4:13: "Tudo posso naquele que me fortalece". Foi através dessa fortaleza em meio a fé que encontrei serenidade nas adversidades e, assim, pude perseverar até alcançar este momento tão significativo.

Minha eterna gratidão se estende aos meus pais, Aldice e Everaldo, que sempre acreditaram em meu potencial, apoiando e respeitando minhas escolhas. Mãe, sou imensamente grata por sua força incomparável, por sua determinação e por ser uma fonte constante de luz e inspiração em minha vida. Pai, minha gratidão é profunda por sua incansável dedicação, por ser o homem que sempre lutou para proporcionar o melhor à nossa família. Vocês representam a base sólida que sustenta minha caminhada, são o meu refúgio e minha motivação para seguir buscando sempre o crescimento pessoal e profissional.

Aos meus queridos irmãos, agradeço de coração por todo o acolhimento e apoio incondicional que me proporcionaram nos momentos mais difíceis. Aos meus sobrinhos, cujas doçuras e alegria trouxeram equilíbrio, leveza a continuar com coragem e felicidade. Estendo também meus agradecimentos ao meu padrinho, por todo o apoio, incentivo e pelos conselhos que ampliaram minha visão de mundo, sempre acreditando na minha capacidade. Aos meus tios, tias e primos, deixo meu muito obrigada pelo carinho e incentivo constantes.

Ao meu namorado, agradeço por sua constante presença, por ser meu ombro amigo, minha fonte de calma, atenção e certeza sobre minha capacidade e sabedoria. Aos meus amigos mais próximos de longas datas, aos vizinhos e colegas de trabalho, cujo nomes são muitos, mas que cada um, à sua maneira, ocupa um espaço especial no meu coração: sintam-se sempre acolhidos e queridos.

A jornada que trilhei não foi fácil, mas tive o privilégio de dividir o peso desta graduação com pessoas incríveis: os membros da minha turma. A parceria de todos vocês foi fundamental na realização deste sonho. Sintam-se abraçados por minha imensa gratidão. Os nomes são diversos, e talvez eu esqueça de alguém, mas todos têm sua importância.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos profissionais da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pelos vastos conhecimentos compartilhados e pelas experiências inesquecíveis vivenciadas ao longo dessa caminhada. Com a equipe docente, aprendi que o verdadeiro valor do saber está em compartilhá-lo com os outros, pois só assim o conhecimento se torna uma verdadeira ferramenta de transformação. A todos os meus professores, que não apenas contribuíram com meu crescimento intelectual, mas também me ajudaram a amadurecer

como ser humano, minha profunda gratidão. Em especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Rosalvo, pela atenção, paciência e dedicação em cada orientação e conversa. Seus conselhos sobre a vida levarei para sempre em meu coração.

Desafios ensinam, fortalecem e nos impulsionam aos sonhos. Que este seja apenas o primeiro de muitos passos rumo ao conhecimento e à realização.

"Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças. Sobem com asas como águias; correm e não se cansam, caminham e não se fatigam".

(Isaias, 40:31)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a variação linguística no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), buscando compreender de que forma essa dimensão da língua é contemplada nas provas de Língua Portuguesa. A pesquisa justifica-se pela relevância da variação linguística como conteúdo imprescindível no ensino de língua materna, reconhecido, já nos anos 1990, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e, recentemente, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que assinalam a diversidade linguística como elemento constitutivo da identidade cultural brasileira. O estudo tem como objetivo geral analisar como a variação linguística aparece nas provas do ENEM, investigando de que formas a abordagem reflete proposições sociolinguísticas e contempla a questão do preconceito linguístico. De modo específico, buscou-se identificar os tipos de variação presentes nas questões, observar a evolução do tratamento da temática ao longo dos anos e analisar relações do exame com as diretrizes oficiais de ensino. A metodologia adotada foi qualitativa e descritiva, fundamentada na Sociolinguística Variacionista, com análise comparativa de questões de três edições do ENEM: 2016, 2020 e 2024. Os resultados indicaram que a presença da variação linguística evoluiu de uma abordagem pontual e ilustrativa, em 2016, para um tratamento mais crítico e contextualizado em 2024, aproximando-se das orientações da BNCC, ainda que de forma limitada.

Palavras-Chave: Variação linguística; Sociolinguística; ENEM; Ensino de Língua Portuguesa; Preconceito linguístico.

ABSTRACT

This study focuses on the theme of linguistic variation in the National High School Examination (ENEM), seeking to understand how this dimension of language is addressed in the Portuguese Language tests. The research is justified by the relevance of linguistic variation as an essential component in mother-tongue education, recognized since the 1990s in the National Curriculum Parameters (PCNs) and, more recently, in the National Common Curricular Base (BNCC), both of which highlight linguistic diversity as a constitutive element of Brazilian cultural identity. The general objective of this study is to analyze how linguistic variation appears in ENEM exams, investigating the ways in which the approach reflects sociolinguistic principles and addresses the issue of linguistic prejudice. Specifically, the research aimed to identify the types of variation present in the questions, to observe the evolution of the theme over the years, and to examine the exam's relationship with official teaching guidelines. The methodology adopted was qualitative and descriptive, grounded in Variationist Sociolinguistics, through a comparative analysis of exam questions from three ENEM editions: 2016, 2020, and 2024. The results indicated that the presence of linguistic variation evolved from a punctual and illustrative approach in 2016 to a more critical and contextualized treatment in 2024, moving closer to BNCC guidelines, albeit in a limited way.

Keywords: Linguistic variation; Sociolinguistics; ENEM; Portuguese Language Teaching; Linguistic prejudice.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. A variação linguística.....	13
3. BNCC e PCNs	17
4. As questões do ENEM.....	22
4.1 ENEM 2016	23
4.2 ENEM 2020	28
4.3 ENEM 2024	31
5. Considerações Finais	35
Referências	38

1. Introdução

A inclusão da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa na educação básica brasileira é uma diretriz prevista tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) quanto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse enfoque parte do reconhecimento de que a língua não é homogênea, mas sim um sistema dinâmico e diverso, sujeito a variações conforme fatores regionais, sociais, culturais, históricos e situacionais. O tratamento sistemático da variação linguística no ambiente escolar visa proporcionar aos estudantes o desenvolvimento da competência sociolinguística, isto é, a capacidade de adequar o uso da linguagem aos diferentes contextos de comunicação.

De acordo com Marcos Bagno (2007), a linguística contemporânea rejeita a noção de erro como fundamento da análise linguística e defende a legitimidade das variedades do português falado no Brasil. A perspectiva da norma-padrão, embora necessária para certos usos formais da língua — como a escrita acadêmica e institucional —, não deve ser imposta como única forma válida de expressão. Nesse sentido, o ensino da variação linguística tem o papel de ampliar a consciência linguística dos alunos, promovendo o conhecimento das diferentes normas em circulação e oferecendo instrumentos para que eles possam compreender e utilizar adequadamente os diversos registros.

No contexto dos exames de acesso ao ensino superior, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a consideração da variação linguística também assume importância estratégica. Uma avaliação sensível às diferentes manifestações da linguagem contribui para reduzir vieses socioculturais que podem prejudicar candidatos oriundos de contextos linguísticos distintos da propagação da norma padrão. Isso não implica a desvalorização da norma-padrão, mas o reconhecimento de que o domínio da língua deve ser avaliado de maneira contextualizada, levando em conta a competência comunicativa do candidato.

Além disso, o tratamento da variação linguística nos exames amplia a coerência entre os documentos orientadores da educação básica e os critérios de avaliação externa. A BNCC, por exemplo, estabelece como uma de suas competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias para o ensino médio a compreensão da língua como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p.490). Assim, torna-se pertinente que as avaliações de larga escala reflitam esse princípio,

considerando o conhecimento e o uso consciente das diferentes variedades do português como parte integrante da formação do estudante.

Com base em alguns dos diversos estudos presentes no campo da Sociolinguística, compreende-se que “a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes” (Coelho *et al.*, 2012, p. 25). Essa constatação contraria a noção tradicional de que apenas um modelo de língua seria adequado para a comunicação eficaz. Na prática, o que se verifica é que os diferentes modos de falar carregam, além de função referencial, significados sociais relevantes e intrínsecos à condição social do falante, os quais permitem identificar aspectos como origem geográfica, grupo social e contexto de fala. Reconhecer isso no ambiente escolar é fundamental para combater a estigmatização de certos falares.

Ainda nesse sentido, Coelho *et al.* destacam que “não há nada nas formas variáveis de uma língua que permita afirmar que umas são melhores ou mais corretas do que as outras” (2012, p. 32). Atribuir superioridade a determinadas formas não se baseia em critérios linguísticos objetivos, mas em julgamentos sociais marcados por relações de poder. Tais julgamentos sustentam o preconceito linguístico, muitas vezes naturalizado na escola e nas avaliações. Assim, a abordagem da variação linguística na educação básica e nos processos seletivos para o ensino superior responde a uma necessidade pedagógica e social. Ao articular o conhecimento linguístico à realidade sociocultural dos falantes, promove-se uma formação mais crítica, reflexiva e alinhada às diretrizes curriculares nacionais.

A discussão proposta por Carlos Alberto Faraco (2008) complementa e aprofunda as reflexões sobre a variação linguística ao destacar a complexidade que envolve os conceitos de norma culta, norma-padrão e norma gramatical. Segundo o autor, a chamada norma culta não é homogênea nem isenta de variações, e sua definição muitas vezes se confunde com construções idealizadas e politicamente motivadas sobre o que seria a “língua correta”. Essa problematização é fundamental para repensarmos o papel da escola e dos exames como o Enem, para que não reforcem uma visão estreita de correção linguística, ignorando a pluralidade real das normas em uso no país. A compreensão da língua como um fenômeno social e político, como propõe Faraco, sustenta a necessidade de que as práticas pedagógicas e avaliativas sejam coerentes com os princípios de inclusão e respeito à diversidade linguística.

Faraco também aponta que a chamada *norma curta*, difundida principalmente pela mídia, por cursinhos e por práticas escolares conservadoras, é uma versão empobrecida da gramática normativa, baseada em um purismo excludente que desconsidera a legitimidade das

diferentes formas de expressão dos falantes brasileiros. Essa crítica vai ao encontro dos objetivos dos documentos curriculares, como a BNCC, que enfatizam o reconhecimento da língua como instrumento de construção identitária e social. Ao incorporar essas ideias à análise das provas do Enem, a presente pesquisa busca investigar de que maneira tem avançado no sentido de uma pedagogia da variação linguística, capaz de refletir a riqueza do português brasileiro em suas múltiplas formas, ou em que medida perpetua um modelo idealizado e excludente de língua, incompatível com as diretrizes oficiais da educação básica.

Considerando o papel central da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, conforme preconizado pelos PCNs e pela BNCC, é pertinente questionar como esse conceito tem sido incorporado nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ao longo dos anos. O Enem, por seu caráter de seleção e sua abrangência nacional, deveria refletir as diretrizes educacionais que reconhecem a diversidade linguística como elemento estruturante do ensino. Assim, cabe indagar: de que maneira a prova tem tratado a pluralidade de falares do português brasileiro? Os itens presentes nos cadernos de prova reconhecem e valorizam essa diversidade? Se sim, de que forma isso representa na formalidade como critério de correção e legitimidade das questões?

Além disso, é relevante analisar se houve transformações na abordagem da variação linguística ao longo do tempo. Será que o Enem tem acompanhado as mudanças propostas pelos documentos curriculares e pelas pesquisas da Sociolinguística? Ou será que permanece com uma abordagem conservadora e normativista, pouco sensível às discussões específicas do português brasileiro? Para responder a essas questões, a pesquisa apresentada tem como foco de estudo os cadernos de prova do Enem dos anos de 2016, 2020 e 2024. A análise desses materiais busca identificar como e se a temática da variação linguística foi contemplada, observando em uma perspectiva comparativa como o Exame tem tratado esse importante aspecto da linguagem em um país tão marcado pela diversidade cultural e linguística.

2. A variação linguística

A linguagem humana, por sua própria natureza, é um fenômeno social e heterogêneo. Isso significa que ela não é uniforme ou fixa, mas sim plural, dinâmica e profundamente influenciada por contextos históricos, sociais e culturais. Essa característica fundamental das línguas é o ponto de partida da Sociolinguística Variacionista, corrente teórica consolidada a partir da década de 1960, principalmente por meio dos trabalhos do linguista norte-americano William Labov. Ao contrário das visões mais tradicionais da linguística – como a estruturalista de Ferdinand de Saussure e a gerativista de Noam Chomsky – que priorizam uma concepção abstrata, idealizada e homogênea da língua, não priorizando a variabilidade como objeto legítimo de estudo, a Sociolinguística parte do princípio de que as línguas são essencialmente sistemas heterogêneos. Essa heterogeneidade, entretanto, não representa desorganização. Ela se expressa de maneira sistemática, o que significa que, mesmo com diferentes formas de expressão, os falantes de uma mesma comunidade são capazes de se entender, pois compartilham regras e normas (tanto fixas quanto variáveis) que regulam seus usos linguísticos. Nessa perspectiva, a variação é concebida como um fenômeno natural e constante nas línguas humanas. Ela ocorre quando, em um mesmo contexto linguístico, podem ser utilizadas formas diferentes que mantêm o mesmo significado referencial. Essas formas diferentes são chamadas de variantes, e o aspecto da língua em que ocorre essa alternância é denominado variável.

A variação linguística pode se manifestar de maneiras distintas, e sua classificação em tipos específicos possibilita uma compreensão mais precisa das dimensões sociais e situacionais que influenciam o uso da língua. De acordo com a abordagem sociolinguística apresentada por Coelho *et al.* (2012), podemos identificar diferentes tipos de variação: diatópica, diastrática, diafásica, diacrônica e diamésica. A variação diatópica, também chamada de variação geográfica ou regional, refere-se às diferenças linguísticas que ocorrem entre falantes de diferentes localidades. Essas variações estão na base da constituição dos dialetos e dos falares regionais. Por exemplo, no português brasileiro, palavras como *mandioca*, *aipim* e *macaxeira* designam o mesmo item alimentício, mas são utilizadas em diferentes regiões do país – Centro-Sul, Sudeste e Nordeste, respectivamente. Esses dados são frequentemente coletados e sistematizados por projetos como o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, que mapeiam traços dialetais com base em pesquisas de campo, como o próprio material de referência menciona.

A variação diastrática, por sua vez, diz respeito às diferenças de uso da língua entre grupos sociais distintos, segundo variáveis como escolaridade, classe socioeconômica, idade, gênero e profissão. Essa forma de variação revela como o uso linguístico está imerso em

dinâmicas de poder e prestígio social, pois certas variantes passam a ser associadas a grupos com maior status e outras a grupos socialmente estigmatizados. Um exemplo disso é a forma verbal “nós vai”, que, embora gramaticalmente válida do ponto de vista funcional, é frequentemente associada a falantes de camadas populares e considerada incorreta segundo a norma padrão – o que evidencia a atuação do preconceito linguístico, como Coelho *et al.* discutem ao tratar do significado social das variantes.

A variação diafásica, também chamada de estilística, refere-se às mudanças na forma de falar em função do contexto comunicativo e do grau de formalidade da situação. Um falante pode usar estruturas diferentes em uma conversa com amigos e em uma entrevista de emprego, mesmo que esteja se referindo aos mesmos conteúdos. A escolha entre “tu vai” e “vossa senhoria irá” exemplifica esse ajuste estilístico. Coelho *et al.* destacam que essa variação está estreitamente ligada à percepção que os falantes têm de seus interlocutores, do ambiente e de seus objetivos comunicativos, o que torna a língua um instrumento flexível e estratégico na interação social.

A variação diacrônica, por sua vez, relaciona-se às mudanças que ocorrem ao longo do tempo. As línguas estão em constante evolução, e a Sociolinguística Variacionista busca compreender como as formas variantes podem, com o tempo, resultar em mudanças estruturais permanentes no sistema linguístico. Essa abordagem rompe com a separação rígida entre sincronia e diacronia defendida pelo estruturalismo, como bem aponta Labov em sua crítica a Saussure. A noção de que o prestígio de uma variante pode acelerar ou frear sua propagação histórica é central nesse tipo de análise.

Por fim, a variação diamésica considera os diferentes meios de realização da língua, como a fala espontânea, a escrita formal, a linguagem digital ou radiofônica. Esse tipo de variação evidencia que o meio pelo qual a língua é transmitida influencia diretamente na forma como os enunciados são construídos e nas variantes que são utilizadas. Assim, um mesmo falante pode adaptar seu discurso à oralidade informal de uma conversa, à escrita acadêmica ou ao ambiente interacional das redes sociais, com adequações que envolvem léxico, sintaxe, ortografia e prosódia.

Esses tipos de variação, embora distintos em sua caracterização, frequentemente se sobrepõem em situações reais de uso da língua, revelando a complexidade e a riqueza do funcionamento linguístico em sociedade. A compreensão dessa tipologia, além de permitir uma análise mais precisa dos fenômenos linguísticos, é fundamental para o enfrentamento de visões

normativas e excludentes da linguagem, abrindo espaço para a valorização da diversidade linguística e para práticas pedagógicas mais inclusivas e contextualizadas.

Essas variações se manifestam em diferentes níveis gramaticais. No nível fonológico, por exemplo, ocorre a variação entre ditongos plenos e reduzidos, como em “outro” e “otro”. No nível morfológico, temos formas como “andar” e “andá”. Na sintaxe, a variação pode se expressar em construções como “o livro que eu gosto” e “o livro que eu gosto dele”. O nível lexical é particularmente rico em variações regionais, como “mandioca”, “aipim” e “macaxeira”, todas com o mesmo significado, mas associadas a diferentes regiões do país. Há também variações no plano discursivo, como o uso de expressões como “sabe?”, “né?” ou “entendeu?” como marcadores interacionais. A diversidade é tamanha que mesmo um falante pode utilizar diferentes variantes em situações distintas, de acordo com fatores contextuais, sociais ou linguísticos.

A análise da variação linguística exige, portanto, uma atenção cuidadosa aos fatores que condicionam a escolha das formas linguísticas. Esses fatores são chamados de condicionadores e se dividem em dois grandes grupos: os fatores internos (ou intralinguísticos) e os fatores externos (ou extralinguísticos). Os fatores internos estão relacionados aos próprios elementos da estrutura da língua, como a fonologia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. Por exemplo, a escolha entre as formas “tu” e “você” pode estar condicionada pela forma verbal que as acompanha: é mais comum ouvirmos “tu vai” do que “tu vais” no português brasileiro falado, o que revela uma regularidade na quebra da concordância verbal, marcada por razões estruturais e por simplificações fonológicas e morfossintáticas. Outro exemplo de condicionador interno é o tipo de oração em que uma determinada forma ocorre, a posição do sujeito na sentença, ou a presença de certos elementos que influenciam o uso de uma ou outra variante. Tais fatores mostram que há um funcionamento estrutural e probabilístico que orienta a ocorrência das formas variáveis.

Por outro lado, os fatores externos ou extralinguísticos dizem respeito a aspectos sociais, históricos e culturais do falante e da comunidade em que ele está inserido. Esses fatores influenciam profundamente o uso da língua, pois estão associados à identidade, ao pertencimento e ao prestígio social atribuído a determinadas formas linguísticas. Entre os fatores externos mais comuns estão a faixa etária, o gênero, o grau de escolaridade, a profissão, a classe social, a região geográfica e a etnia do falante. Por exemplo, pesquisas mostram que jovens tendem a empregar formas mais inovadoras e informais, enquanto falantes mais velhos costumam manter formas mais conservadoras. Da mesma forma, pessoas com maior

escolarização têm mais domínio da norma padrão, mas isso não significa que sejam "mais competentes" linguisticamente – apenas que compartilham uma variedade valorizada socialmente. A distribuição geográfica também influencia diretamente: enquanto no Sul do Brasil o uso do pronome “tu” é mais frequente, no Sudeste o “você” é dominante, o que revela padrões regionais consolidados.

Além disso, os fatores extralinguísticos estão diretamente ligados ao valor social das variantes. Certas formas são associadas a grupos mais prestigiados e, por isso, tendem a ser mais valorizadas, mesmo que não sejam as mais usadas. Outras, por sua vez, são estigmatizadas por estarem relacionadas a grupos historicamente marginalizados. Isso gera o que se conhece como preconceito linguístico: um julgamento social que se disfarça como julgamento gramatical, reforçando desigualdades sociais e educacionais. A Sociolinguística tem como um de seus grandes méritos o desvelamento dessas relações de poder que se manifestam nas formas de falar, mostrando que todas as variantes são legítimas em seus contextos, e que nenhuma forma linguística é intrinsecamente superior ou inferior a outra.

A interação entre fatores internos e externos é, portanto, um aspecto central na análise da variação linguística. Em muitos casos, uma variante é favorecida por um contexto sintático específico (fator interno), mas apenas se estiver associada a um grupo social ou a uma situação de fala determinada (fator externo). Isso demonstra que a linguagem não pode ser compreendida isoladamente de seu uso social. A língua é simultaneamente estrutura e prática; é sistema e ação. Essa visão integradora é a grande contribuição da Sociolinguística para os estudos linguísticos contemporâneos e para a prática pedagógica, sobretudo no que se refere ao combate ao preconceito linguístico e à valorização da diversidade.

A Sociolinguística Variacionista nos oferece um conjunto teórico e metodológico robusto para compreender a língua como um fenômeno social profundamente enraizado em contextos de uso. Ao reconhecer a heterogeneidade como uma característica estrutural das línguas, essa abordagem nos permite analisar a variação não como exceção ou desvio, mas como regra e expressão legítima da identidade dos falantes. Ao mesmo tempo, ao investigar os condicionadores internos e externos da variação, ela nos fornece instrumentos para entender como fatores linguísticos e sociais interagem para moldar o uso linguístico, revelando, assim, os mecanismos através dos quais as línguas mudam, se diversificam e refletem as relações sociais de poder, identidade e pertencimento.

3. BNCC e PCNs

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) não estejam mais em vigor como documento orientador oficial, sua análise é relevante para compreender o percurso histórico das diretrizes educacionais no Brasil e o contexto em que propostas mais recentes, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foram elaboradas. Os PCN, em especial na versão voltada ao Ensino Médio (PCNEM), oferecem importantes referenciais sobre concepções de linguagem, ensino e aprendizagem que ajudam a entender permanências e mudanças nas políticas educacionais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) tratam a linguagem como uma prática social e culturalmente situada, considerando a variação linguística não como erro ou desvio, mas como uma manifestação legítima da diversidade sociocultural brasileira. O documento defende que o ensino da língua portuguesa deve superar modelos normativos rígidos e aproximar-se da realidade vivida pelos alunos, valorizando as diferentes formas de expressão linguística. Nesse sentido, os PCNEM afirmam que “a linguagem [...] é considerada como capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade” (PCNEM, p. 125). Essa citação explicita que os usos linguísticos estão atrelados a contextos históricos, culturais e sociais específicos e, portanto, não podem ser compreendidos nem ensinados fora dessa perspectiva.

A proposta dos PCNEM, assim, desloca o foco do domínio da norma culta como padrão único para um ensino que priorize o desenvolvimento da competência comunicativa, que inclui a capacidade de usar adequadamente diferentes variedades linguísticas conforme o contexto. Isso está diretamente relacionado ao conceito de representação e comunicação, eixo fundamental da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, que visa à competência de “manejar sistemas simbólicos e decodificá-los” (PCNEM, p. 105).

Ao tratar da diversidade linguística, o documento destaca a importância dos estudos sociolinguísticos no combate ao preconceito linguístico. A valorização dos falares populares e regionais é considerada essencial para a construção de uma escola democrática e inclusiva. Como explicitado no texto, “o conhecimento de alguns conceitos de sociolinguística é essencial para que nossos alunos não criem ou alimentem preconceitos em relação aos falares diversos que compõem o espectro do português utilizado no Brasil” (PCNEM, p. 28). Dessa forma, a escola passa a desempenhar um papel fundamental na formação ética e cidadã do estudante, ao

reconhecer que todas as formas de linguagem são válidas dentro de seus contextos sociocomunicativos.

Além disso, a língua é compreendida como elemento fundante da identidade cultural, sendo responsável por gerar significação para a realidade. Nesse aspecto, os PCNEM enfatizam que “comparar linguagens, compreender a língua materna como geradora de significação para a realidade, de uma organização de mundo e da própria identidade são competências [...] que exigem estudo metalinguístico” (PCNEM, p. 27). O ensino da variação linguística, portanto, não é apenas uma questão gramatical, mas também de construção subjetiva e social do sujeito.

No ensino básico, a abordagem proposta rompe com práticas excludentes e normativas que historicamente marginalizaram modos populares de falar. Ao contrário, propõe-se que o estudante desenvolva a capacidade de reconhecer, respeitar e utilizar diferentes registros da língua, ampliando seu repertório e sua competência crítica. Essa perspectiva está alinhada com o princípio da contextualização sociocultural, terceiro eixo estruturante da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, que entende as linguagens como “dinâmicas e situadas no espaço e no tempo, com as implicações de caráter histórico, sociológico e antropológico que isso representa” (PCNEM, p. 125).

Essa compreensão exige também que os professores estejam preparados para superar o ensino baseado exclusivamente na gramática normativa, reconhecendo a legitimidade dos diferentes usos da língua e sua relação com as identidades dos alunos. Nesse ponto, o documento orienta que “o professor conheça os conceitos que estruturam sua disciplina e a relação destes com os conceitos estruturantes das demais disciplinas da sua área, a fim de conduzir o ensino de forma que o aluno possa estabelecer as sínteses necessárias para a aquisição e o desenvolvimento das competências gerais previstas para a área” (PCNEM, p. 28).

Portanto, a variação linguística, nos termos dos PCNEM, não é apenas um conteúdo a ser abordado em sala de aula, mas um eixo estruturante da formação humana, crítica e cidadã do aluno. Em síntese, os PCNEM propõem uma nova postura frente ao ensino de língua portuguesa: uma educação que reconhece a multiplicidade da linguagem como reflexo da diversidade cultural e histórica do país, e que busca formar sujeitos capazes de atuar de maneira ética, crítica e sensível às diferenças. A variação linguística, assim, deixa de ser um “problema” a ser corrigido e passa a ser componente essencial.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio estabelece uma abordagem crítica, inclusiva e reflexiva para o ensino da linguagem, destacando a variação linguística como um eixo fundamental para a formação dos estudantes enquanto sujeitos

sociais, históricos e culturais. A variação da língua, longe de ser tratada como um desvio da norma culta, é concebida como parte constitutiva da identidade linguística brasileira, devendo ser analisada, compreendida e valorizada em sala de aula.

No campo da Língua Portuguesa, a BNCC afirma que o ensino deve promover “o domínio dos usos da língua portuguesa como condição para o exercício da cidadania e o acesso a bens culturais, como também para a continuidade dos estudos e inserção no mundo do trabalho” (BNCC – Ensino Médio, p. 490). Para tanto, destaca-se a importância de considerar as variedades linguísticas — regionais, sociais, culturais e históricas — nas práticas de leitura, escuta, produção e análise linguística, entendendo a língua como fenômeno dinâmico, vivo e diverso.

Essa abordagem está inserida em uma concepção discursiva e enunciativa da linguagem, na qual o estudante deve ser capaz de refletir sobre os efeitos de sentido produzidos por diferentes usos da língua em contextos variados. Assim, a variação linguística deixa de ser um conteúdo periférico e se torna central no processo de ensino-aprendizagem, pois “a linguagem é constitutiva dos sujeitos, das práticas sociais e do mundo” (BNCC – Ensino Médio, p. 490). Nessa perspectiva, o ensino da norma-padrão é importante, mas não exclusivo, sendo sempre articulado ao reconhecimento e respeito às formas populares e regionais de falar.

O documento ainda enfatiza que a formação do estudante do Ensino Médio deve priorizar o desenvolvimento da competência comunicativa e o protagonismo crítico frente às práticas sociais de linguagem. A análise das variações linguísticas está vinculada a situações reais de comunicação, ao debate sobre preconceito linguístico, ao uso ético da linguagem nas redes sociais e à valorização da diversidade cultural e identitária brasileira. Essa concepção não surge de forma isolada, mas é uma continuação direta da proposta estabelecida no Ensino Fundamental, que, por sua vez, já assumia a diversidade linguística como um valor a ser explorado pedagogicamente. A BNCC do Ensino Fundamental afirma que a língua é um processo histórico e social que “se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BNCC – Ensino Fundamental, p. 67)

A formação linguística ao longo do Ensino Fundamental propõe o contato com múltiplas formas de falar e escrever, contemplando tanto os gêneros tradicionais quanto os emergentes da cultura digital. As práticas de leitura e produção são trabalhadas com foco na reflexão sobre as condições de produção dos textos, o contexto social dos interlocutores e as marcas linguísticas específicas de cada situação. Esse caminho é fundamental para preparar o estudante para as competências mais complexas exigidas no Ensino Médio, como a análise

crítica dos discursos, a identificação de estratégias de persuasão e o posicionamento ético diante dos usos da linguagem.

A BNCC do Ensino Fundamental também destaca o papel da escola no combate ao preconceito linguístico, ao afirmar ser necessário “analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BNCC – Ensino Fundamental, p. 70). Essa diretriz se estende no Ensino Médio, onde se aprofunda a reflexão sobre os sentidos produzidos pela linguagem e suas implicações sociais, ideológicas e culturais.

Assim, a BNCC estabelece uma trajetória contínua e progressiva em relação à variação linguística, que perpassa todas as etapas da Educação Básica. Desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, o estudante é convidado a compreender que a língua não é homogênea, mas composta por múltiplas formas legítimas de expressão. No Ensino Médio, esse entendimento é ampliado, exigindo uma postura mais crítica e reflexiva diante das práticas de linguagem na sociedade contemporânea.

A presença da variação linguística nos documentos orientadores da Educação Básica, especialmente na BNCC do Ensino Médio, tem repercussões diretas na forma como os exames de acesso ao ensino superior, como o ENEM, abordam a linguagem. Ao reconhecer a legitimidade das variedades do português falado no Brasil — regionais, sociais, históricas e culturais —, a BNCC orienta o ensino para que os estudantes não apenas compreendam a norma-padrão, mas também desenvolvam a habilidade de refletir criticamente sobre os usos linguísticos em diferentes contextos comunicativos. Essa diretriz se reflete nas avaliações, que passam a cobrar não só o domínio da escrita formal, mas também a capacidade de analisar discursos, reconhecer preconceitos linguísticos, identificar registros adequados e interpretar textos oriundos de diferentes esferas sociais. Assim, a variação linguística, ao ser incorporada como eixo estruturante da formação linguística, contribui para uma avaliação mais inclusiva, que considera a diversidade cultural e linguística dos estudantes como um valor formativo, e não como obstáculo, reforçando o compromisso com uma educação voltada à equidade e à cidadania crítica.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio e outros documentos orientadores da educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNEM), influenciam diretamente os critérios e conteúdos avaliados nos exames de admissão ao ensino superior, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Esses documentos estabelecem competências e habilidades que priorizam a formação integral do estudante, com ênfase no desenvolvimento de capacidades de leitura crítica,

argumentação, resolução de problemas e aplicação do conhecimento em situações reais. O ENEM, ao adotar uma matriz de referência baseada nessas competências gerais e específicas, reflete a proposta curricular que valoriza práticas discursivas, análise contextual, interdisciplinaridade e diversidade cultural, o que exige do candidato não apenas domínio de conteúdos, mas também a capacidade de mobilizá-los de forma reflexiva e funcional.

Além disso, a relação entre esses documentos e os exames de ingresso ao ensino superior evidencia um movimento educacional mais amplo, que busca alinhar o currículo escolar com as demandas do século XXI. A abordagem da linguagem, por exemplo, deixa de ser centrada na memorização de regras normativas e passa a exigir, tanto no currículo quanto nas provas como o ENEM, a compreensão dos usos sociais da língua, das variações linguísticas e das práticas discursivas contemporâneas, inclusive no contexto digital. Esse alinhamento contribui para tornar o processo de avaliação mais justo e condizente com a realidade sociocultural dos estudantes, além de reforçar a ideia de que o acesso ao ensino superior deve considerar não apenas o conhecimento formal, mas também a competência crítica, ética e comunicativa desenvolvida ao longo da Educação Básica.

4. As questões do ENEM

Em função do que foi dito, o presente trabalho opera com a ideia de que é relevante verificar como a temática da variação linguística tem sido contemplada nos exames de ingresso ao ensino superior, especialmente no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Se, por um lado, os documentos oficiais apontam para a necessidade de tratar a diversidade linguística como conteúdo fundamental da educação básica, por outro, espera-se que o ENEM, enquanto instrumento de aferição do nível de formação dos estudantes ao final da educação básica, reflita tais diretrizes em sua estrutura avaliativa. A presente pesquisa, portanto, parte da hipótese de que a presença — ou ausência — de questões voltadas à variação linguística no ENEM pode indicar em que medida o exame está alinhado com as orientações curriculares nacionais e com a função que lhe é atribuída de avaliar competências essenciais para o exercício pleno da cidadania.

A principal preocupação deste estudo é, portanto, investigar como a variação linguística se reflete no ENEM de forma propriamente dita. Trata-se de observar, para além do discurso normativo dos documentos orientadores, como esse conteúdo aparece (ou não) nas questões aplicadas, quais são os enfoques assumidos, quais gêneros textuais são utilizados para trabalhar essa temática e quais habilidades são requeridas dos estudantes ao lidar com situações de variação linguística. A análise busca identificar, por exemplo, se as questões abordam o preconceito linguístico, se trabalham com diferentes registros da língua portuguesa, se exploram variações regionais ou sociais, se problematizam os usos da norma-padrão em contextos específicos e se promovem a reflexão crítica sobre o papel social da linguagem.

Com o objetivo de mapear a presença e a evolução do tratamento da variação linguística no ENEM, a pesquisa adotou como recorte de análise três edições da prova: 2016, 2020 e 2024. A escolha desses anos não é aleatória: 2016 representa uma edição anterior à homologação da BNCC (ocorrida em 2017 para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e em 2018 para o Ensino Médio), permitindo observar indícios da temática antes da implementação formal do novo currículo. Já 2020 marca um momento intermediário, quando as escolas começaram a se adaptar às diretrizes da BNCC, e pode evidenciar possíveis transições na abordagem da linguagem pelo exame. Por fim, a prova de 2024 representa um momento mais recente, no qual, teoricamente, a BNCC já deveria estar plenamente incorporada às práticas pedagógicas e, por consequência, refletida na avaliação nacional. O corpus é composto exclusivamente pelas questões da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, com atenção especial às questões de Língua Portuguesa que apresentem enunciados, textos de apoio ou alternativas relacionados

à variação linguística. A análise é qualitativa e descritiva, buscando evidenciar recorrências, ausências, abordagens predominantes e possíveis deslocamentos na forma como a temática é tratada ao longo do tempo.

A análise das edições de 2016, 2020 e 2024 do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com foco na presença da temática da variação linguística, revela um panorama evolutivo significativo sobre como essa dimensão tem sido contemplada nas avaliações de ingresso ao ensino superior. A escolha dessas edições como corpus de análise busca justamente captar mudanças ocorridas ao longo do tempo, especialmente em relação à incorporação dos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que coloca a diversidade linguística como componente essencial da formação cidadã e da competência comunicativa.

4.1 ENEM 2016

A edição do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2016, especialmente na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, apresentou um conjunto de questões que, em maior ou menor grau, abordaram aspectos relacionados à variação linguística. Essas abordagens, podendo ser observadas em cinco questões no certame, apareceram por meio de diferentes dimensões do uso da língua, como regionalismos, contrastes entre oralidade e escrita, registros formais e informais, além de usos marcados por elementos culturais e sociais. Ainda que o tratamento da temática não fosse sistemático ou aprofundado, a prova já oferecia indícios do reconhecimento da diversidade linguística presente na sociedade brasileira, com situações comunicativas que fugiam da rigidez normativa e se aproximavam do cotidiano dos falantes.

Essas abordagens se manifestaram principalmente em categorias sociolinguísticas como a variação diatópica, diastrática e pragmática, refletindo os múltiplos contextos de uso da língua portuguesa no Brasil. Os enunciados e textos de apoio utilizados nas questões traziam vocabulários populares, expressões típicas de determinadas regiões e situações que colocavam em contraste diferentes formas de expressão linguística.

Questão	Tipo de Variação	Foco	Observações
99	Diatópica (regional)	Regionalismo lexicais (“o peste”)	Abordagem folclorizada, sem crítica.
124	Diafásica (registro)	Formal vs. informal	Contraste humorístico, superficial.
115	Diastrática (tabu)	Substituição de termos inapropriados	Introduz discussão, mas pouco aprofundada.
123/127	Pragmática	Oralidade vs. Escrita/piada	Explora contextos culturais, mas sem crítica.

ENEM 2016 – Questão 99

QUESTÃO 99

PINHÃO *sai ao mesmo tempo que BENONA entra.*

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA: Isso são coisas passadas.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest’*a*, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

SUASSUNA, A. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).

Nesse texto teatral, o emprego das expressões “o peste” e “cachorro da molest’*a*” contribui para

- A** marcar a classe social das personagens.
- B** caracterizar usos linguísticos de uma região.
- C** enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- D** sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- E** demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

ENEM 2016 – Questão 124

QUESTÃO 124

De domingo

- Outrossim...
- O quê?
- O que o quê?
- O que você disse.
- Outrossim?
- É.
- O que é que tem?
- Nada. Só achei engraçado.
- Não vejo a graça.
- Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.
- Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.
- Se bem que parece mais uma palavra de segunda-feira.
- Não. Palavra de segunda-feira é “óbice”.
- “Ônus”.
- “Ônus” também. “Desiderato”. “Resquício”.
- “Resquício” é de domingo.
- Não, não. Segunda. No máximo terça.
- Mas “outrossim”, francamente...
- Qual o problema?
- Retira o “outrossim”.
- Não retro. É uma ótima palavra. Aliás é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa “outrossim”.

VERISSIMO, L. F. *Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o(a)

- A marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
- B tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
- C caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
- D distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados pouco conhecidos.
- E inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

Na prova de 2016, observa-se a presença da variação linguística de forma ainda discreta e, em grande parte, indireta. A questão 99, por exemplo, traz marcas do regionalismo lexical por meio de expressões como “o peste” e “o cachorro da moléstia”, típicas do Nordeste brasileiro. Embora a questão permita o reconhecimento da variação diatópica da língua, a abordagem acaba se limitando a uma dimensão caricata ou culturalmente folclorizada da fala regional, sem estimular, de fato, uma reflexão crítica sobre a legitimidade dessas formas e seu valor comunicativo. Isso se aplica à questão 124, que trabalha com o contraste entre registros formais e informais em tom humorístico, sugerindo um distanciamento entre o conhecimento escolar e os usos cotidianos da língua.

ENEM 2016 – Questão 115

QUESTÃO 115

O nome do inseto pirlampo (vaga-lume) tem uma interessante certidão de nascimento. De repente, no fim do século XVII, os poetas de Lisboa repararam que não podiam cantar o inseto luminoso, apesar de ele ser um manancial de metáforas, pois possuía um nome "indecoroso" que não podia ser "usado em papéis sérios": caga-lume. Foi então que o dicionarista Raphael Bluteau inventou a nova palavra, pirlampo, a partir do grego **pyr**, significando 'fogo', e **lampas**, 'candeia'.

FERREIRA, M. B. *Caminhos do português*: exposição comemorativa do Ano Europeu das Línguas. Portugal: Biblioteca Nacional, 2001 (adaptado).

O texto descreve a mudança ocorrida na nomeação do inseto, por questões de tabu linguístico. Esse tabu diz respeito à

- A) recuperação histórica do significado.
- B) ampliação do sentido de uma palavra.
- C) produção imprópria de poetas portugueses.
- D) denominação científica com base em termos gregos.
- E) restrição ao uso de um vocábulo pouco aceito socialmente.

ENEM 2016 – Questão 123

QUESTÃO 123

TEXTO I

Entrevistadora — eu vou conversar aqui com a professora A. D. ... o português então não é uma língua difícil?

Professora — olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não se você se apaixona pela língua que você... já domina que você já fala ao chegar na escola se o teu professor cativa você a ler obras da literatura... obras da/ dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... é... a livros didáticos... a... livros de literatura o mais formal o e/ o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

TEXTO II

Entrevistadora — Vou conversar com a professora A. D. O português é uma língua difícil?

Professora — Não, se você parte do princípio que a língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias, e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixona pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001 (adaptado).

O Texto I é a transcrição de uma entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O Texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita. Em comum, esses textos

- A) apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- B) são modelos de emprego de regras gramaticais.
- C) são exemplos de uso não planejado da língua.
- D) apresentam marcas da linguagem literária.
- E) são amostras do português culto urbano.

ENEM 2016 – Questão 127

QUESTÃO 127

O humor e a língua

Há algum tempo, venho estudando as piadas, com ênfase em sua constituição linguística. Por isso, embora a afirmação a seguir possa parecer surpreendente, creio que posso garantir que se trata de uma verdade quase banal: as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro. Se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo. Os antropólogos ainda não prestaram a devida atenção a esse material, que poderia substituir com vantagem muitas entrevistas e pesquisas participantes. Saberemos mais a quantas andam o machismo e o racismo, por exemplo, se pesquisarmos uma coleção de piadas do que qualquer outro *corpus*.

POSSENTI, S. *Ciência Hoje*, n. 176, out. 2001 (adaptado).

A piada é um gênero textual que figura entre os mais recorrentes na cultura brasileira, sobretudo na tradição oral. Nessa reflexão, a piada é enfatizada por

- A sua função humorística.
- B sua ocorrência universal.
- C sua diversidade temática.
- D seu papel como veículo de preconceitos.
- E seu potencial como objeto de investigação.

Já a questão 115 avança um pouco ao abordar diretamente o tabu linguístico, ao tratar da substituição de vocábulos considerados socialmente inapropriados. As questões 123 e 127, por sua vez, abordam os aspectos pragmáticos da linguagem, tratando da oposição entre a oralidade espontânea e a escrita normativa, e da piada como prática linguística cultural. Embora essas questões indiquem uma sensibilidade à diversidade dos usos linguísticos, elas não se articulam explicitamente à discussão do preconceito linguístico ou à reflexão sobre desigualdades sociolinguísticas, o que ainda demonstra certa limitação teórica e crítica no tratamento da variação.

Ainda que as questões de 2016 tenham trazido exemplos relevantes de uso da língua em diferentes contextos, é notável que a abordagem permaneceu ancorada em uma visão mais tradicional, em que a variação aparece apenas como dado ilustrativo. A ausência de um questionamento mais direto sobre as relações de poder que sustentam a escolha de determinadas variantes reforça o caráter normativo da prova. Nesse sentido, confirma-se o que Faraco (2008) problematiza ao tratar da “norma curta”, uma representação estreita e excludente da língua, que pouco dialoga com a pluralidade efetiva do português brasileiro.

Se tomarmos como base os pressupostos da Sociolinguística, que entende a variação como constitutiva das línguas (Coelho *et al.*, 2012), percebemos que as questões de 2016 pouco

exploraram a heterogeneidade em sua dimensão social. Embora tenham apresentado exemplos de variação, não se problematizou de que forma tais ocorrências refletem práticas discursivas reais, marcadas por identidades e contextos específicos. Desse modo, a prova se distanciou da proposta de considerar a variação como instrumento pedagógico para combater o preconceito linguístico, restringindo-se a um enfoque que valoriza a norma-padrão como parâmetro de correção.

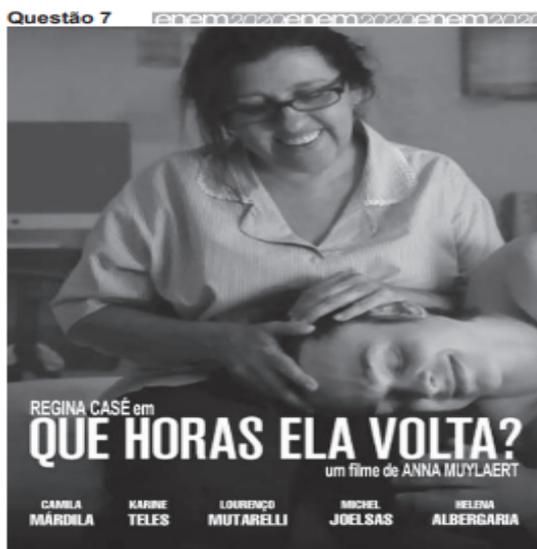
4.2 ENEM 2020

Na edição de 2020 do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), foram identificadas duas questões relacionadas à variação linguística na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Uma delas apresentou abordagem direta, tratando de estruturas morfossintáticas características da fala popular, classificadas como exemplos de variação diastrática. A outra questão seguiu uma abordagem indireta, enfocando aspectos lexicais ligados à transformação histórica do idioma, sendo, portanto, associada à variação diacrônica. Cada uma dessas abordagens mobilizou diferentes tipos de textos e contextos comunicativos para evidenciar os usos reais da língua em circulação na sociedade.

As questões inseridas na prova trabalharam com dados linguísticos presentes em situações cotidianas e em registros que fogem da norma-padrão, propondo atividades de leitura e interpretação com base em exemplos autênticos da língua portuguesa. O conteúdo explorado envolveu, respectivamente, construções populares que omitem preposições em certos contextos sintáticos e usos lexicais que adquiriram novos significados com o passar do tempo. Esses elementos compuseram o conjunto de conhecimentos linguísticos solicitados ao candidato, contribuindo para ampliar o repertório sobre as formas de variação existentes no idioma.

Questão	Tipo de Variação	Foco	Observações
07	Diastrática	Fala popular (apagamento de preposição)	Reconhecimento da legitimidade da forma popular.
09	Diacrônica	Mudança lexical histórica	Mostra língua como fenômeno dinâmico.

ENEM 2020 – Questão 7



Disponível em: www.globofilmes.globo.com. Acesso em: 13 dez. 2017 (adaptado).

A frase, título do filme, reproduz uma variedade linguística recorrente na fala de muitos brasileiros. Essa estrutura caracteriza-se pelo(a)

- A uso de uma marcação temporal.
- B imprecisão do referente de pessoa.
- C organização interrogativa da frase.
- D utilização de um verbo de ação.
- E apagamento de uma preposição.

ENEM 2020 – Questão 9

Questão 9

É possível afirmar que muitas expressões idiomáticas transmitidas pela cultura regional possuem autores anônimos, no entanto, algumas delas surgiram em consequência de contextos históricos bem curiosos. “Aquele é um cabra da peste” é um bom exemplo dessas construções.

Para compreender essa expressão tão repetida no Nordeste brasileiro, faz-se necessário voltar o olhar para o século 16. “Cabra” remete à forma com que os navegadores portugueses chamavam os índios. Já “peste” estaria ligada à questão da superação e resistência, ou mesmo uma associação com o diabo. Assim, com o passar dos anos, passou-se a utilizar tal expressão para denominar qualquer indivíduo que se mostre corajoso, ou mesmo insolente, já que a expressão pode ter caráter positivo ou negativo. Aliás, quem já não ficou de “nhe-nhe-nhém” por aí? O termo, que normalmente tem significado de conversa interminável, monótona ou resmungo, tem origem no tupi-guarani e “nhém” significa “falar”.

Disponível em: <http://leituraadahistoria.uol.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2017.

A leitura do texto permite ao leitor entrar em contato com

- A registros do inventário do português brasileiro.
- B justificativas da variedade linguística do país.
- C influências da fala do nordestino no uso da língua.
- D explorações do falar de um grupo social específico.
- E representações da mudança linguística do português.

Na edição de 2020, percebe-se um avanço considerável no modo como a variação linguística é abordada. A prova apresenta questões que se aproximam de uma perspectiva mais crítica e alinhada aos estudos sociolinguísticos, como propõem autores como Marcos Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004). A presença da variação diastrática — aquela relacionada aos grupos sociais — ganha destaque, especialmente em questões que abordam formas associadas a grupos populares e estigmatizados socialmente. Isso é evidenciado no enunciado da questão 07, do caderno azul, apresenta uma construção sintática em que há o apagamento da preposição exigida por um verbo transitivo indireto — fenômeno comum em determinadas variedades do português falado no Brasil. Esse tipo de estrutura evidencia um uso popular da língua, frequentemente associado a grupos sociais específicos, especialmente em contextos de oralidade informal. A proposta da questão exige do candidato o reconhecimento de que essa forma, embora não esteja de acordo com a norma-padrão, é amplamente utilizada por falantes em situações reais de comunicação, sendo, portanto, uma manifestação legítima da diversidade linguística existente no país.

Além dessa, a prova também incluiu a questão 09, que trata da variação diacrônica, ou seja, da mudança da língua ao longo do tempo. Com abordagem indireta e foco lexical, essa questão apresenta uma análise sobre como certas palavras da língua portuguesa sofreram transformações semânticas ou de uso em diferentes períodos históricos. O texto de apoio evidencia registros que, em determinado momento, tinham um uso específico e, com o passar do tempo, passaram a adquirir novos sentidos ou funções dentro da língua. Essa questão oferece ao estudante a oportunidade de perceber que o idioma é um fenômeno dinâmico, moldado por fatores sociais, culturais e históricos, e que as palavras não mantêm um significado fixo, mas acompanham as mudanças da sociedade. Ambas as questões contribuem para o reconhecimento da variação linguística como parte integrante e natural do funcionamento do português brasileiro.

A edição de 2020 marca um deslocamento importante, pois amplia o repertório de situações comunicativas apresentadas, trazendo manifestações artísticas e culturais populares ao lado de textos mais canônicos. Esse movimento, como observa Bagno (2007), contribui para desestabilizar a ideia de erro e abrir espaço para a percepção da língua como fenômeno vivo e heterogêneo. Ao aproximar gêneros como o funk e a música erudita, por exemplo, a prova sugere que diferentes práticas discursivas podem coexistir legitimamente, valorizando a dimensão social das escolhas linguísticas. Ainda que a exploração crítica não seja aprofundada,

nota-se que o exame já aponta para uma perspectiva mais inclusiva, alinhada às diretrizes curriculares que defendem a valorização da diversidade.

Nesse sentido, a prova de 2020 se aproxima da proposta de compreender a língua como fenômeno social, em que diferentes variantes carregam valores simbólicos e identitários (Faraco, 2008). Ao colocar em diálogo manifestações linguísticas provenientes de contextos sociais distintos, as questões exigem do candidato não apenas o reconhecimento formal das variantes, mas também a capacidade de perceber os sentidos sociais implicados nessas escolhas. Trata-se, portanto, de um exemplo de como a avaliação pode mobilizar a reflexão sobre a pluralidade linguística em seu caráter político e cultural, ainda que esse movimento não tenha se estabelecido como prática recorrente.

O exame sugere ao estudante uma análise da norma-padrão em contraste com essas outras formas, abrindo espaço para discutir a relação entre variação linguística e exclusão social. Essa abordagem, embora ainda pontual, já permite visualizar um deslocamento do simples reconhecimento da diversidade para o debate sobre os efeitos sociais da valorização exclusiva da norma culta.

4.3 ENEM 2024

A prova de Linguagens do ENEM 2024 apresentou três questões relacionadas à variação linguística. Duas delas trataram da variação diastrática, enquanto uma abordou a variação diatópica. Todas as questões utilizaram abordagem direta e se basearam em classificações linguísticas distintas: duas com foco lexical e uma com foco morfológico. Esses itens estiveram distribuídos ao longo do caderno azul do primeiro dia de aplicação e mobilizaram diferentes contextos comunicativos, como relatos pessoais, usos populares da língua e registros sociais diversos. As variações apresentadas nas questões se referem a diferenças regionais e sociais do português brasileiro, destacando elementos do vocabulário e formas verbais que se afastam da norma-padrão. Os exemplos utilizados fazem referência a falas cotidianas e experiências reais, compondo o cenário linguístico explorado no exame daquele ano.

Questão	Tipo de Variação	Foco	Observações
11	Diastrática	Vocabulário de grupos sociais	Linguagem como marcador de identidade.
14	Diatópica	Relato de falante Maranhense	Evidencia constrangimento diante de falares.
39	Diastrática	Fala popular (“nóis fumo”, “peguemo”)	Estigmatização e preconceito linguístico.

ENEM 2024 – Questão 11

QUESTÃO 11

Evanildo Bechara prepara a sua aposentadoria de pouco em pouco, como se a adiasse ao máximo. Aos 95 anos, o imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) alcançou um status de astro pop no mundo da filologia e da gramática. Quando ainda tinha saúde para viagens mais longas, o filólogo lotava plateias em suas palestras na Europa e no Brasil, que não raro terminavam com filas para selfies.

A idade acentuou o lado “cientista” e professoral de Bechara, que adota um tom técnico na conversa até mesmo diante das perguntas mais pessoais. — “Qual o seu tipo preferido de leitura?”. — “A minha leitura está dividida em duas partes, a científica e a literária, estabelecendo uma relação de causa e efeito entre elas.” — responde.

Ainda adolescente, Bechara descobriu a lexicologia. Um “novo mundo” se abriu para o pernambucano, que se mantém atento às metamorfoses do nosso idioma. Seu colega de ABL, o filólogo Ricardo Cavaliere, se lembra de quando deu carona para o mestre e este encucou com os estrangeirismos do aplicativo de navegação instalado no veículo. — “A vizinha do aplicativo avisou que havia um radar de velocidade ‘reportado’ à frente”, lembra Cavaliere. — “Esse ‘reportado’ é uma importação, né?”, notou Bechara.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com>.
Acesso em: 3 jan. 2024 (adaptado).

Nesse texto, as falas atribuídas a Evanildo Bechara são representativas da variedade linguística

- A situacional, pois o contexto exige o uso da linguagem formal.
- B regional, pois ele traz marcas do falar de seu local de nascimento.
- C sociocultural, pois sua formação pressupõe o uso de linguagem rebuscada.
- D geracional, pois ele emprega termos característicos de sua faixa etária.
- E ocupacional, pois ele faz uso de termos específicos de sua área de atuação.

ENEM 2024 – Questão 14

QUESTÃO 14

Maranhenses que moram longe matam a saudade da terra natal usando expressões próprias do estado. Se o maranhês impressiona e desperta a curiosidade de quem mora no próprio Maranhão, imagine de quem vem de outros estados e países? A variedade linguística local é enorme e o modo de falar tão próprio e característico dos maranhenses vem conquistando muita gente e inspirando títulos e muito conteúdo digital com a criação de podcasts, blogs, perfis na internet, além de estampar diversos tipos de produtos e serviços de empresas locais.

Com saudades do Maranhão, morando há 16 anos no Rio de Janeiro, um fotógrafo maranhense criou um perfil na internet no qual compartilha a culinária, brincadeiras e o 'dicionário' maranhês. "A primeira vez que fui a uma padaria no Rio, na inocência, pedi 3 reais de 'pães misturados'. Quando falei isso, as pessoas pararam e me olharam de uma forma bem engraçada, aí já fiquei 'encabulado, ó' e o atendente sorriu e explicou que lá não existia pão misturado e, sim, pão francês e suíço. Depois foi a minha vez de explicar sobre os pães 'massa grossa e massa fina'", contou o fotógrafo, com humor.

Disponível em: <https://oimparcial.com.br>.
Acesso em: 1 nov. 2021 (adaptado).

A vivência relatada no texto evidencia que as variedades linguísticas

- A impedem o entendimento mútuo.
- B enaltecem o português do Maranhão.
- C são constitutivas do português brasileiro.
- D exigem a dicionarização dos termos usados.
- E são restritas a situações coloquiais de comunicação.

ENEM 2024 – Questão 39

QUESTÃO 39

Falar errado é uma arte, Arnesto!

No dia 6 de agosto de 1910, Emma Riccini Rubinato pariu um garoto sapeca em Valinhos e deu a ele o nome de João Rubinato. Na escola, João não passou do terceiro ano. Não era a área dele, tinha de escolher outra. Fez o que apareceu. Foi ser garçom, metalúrgico, até virar radialista, comediante, ator de cinema e TV, cantor e compositor. De samba.

Como tinha sobrenome italiano, João resolveu mudar para emplacar seu samba. E como ia mudar o sobrenome, mudou o nome. Virou Adoniran Barbosa. O cara falava errado, voz rouca, pinta de malandro da roça. Virou ícone da música brasileira, o mais paulista de todos, falando errado e irritando Vinicius de Moraes, que ficou de bico fechado depois de ouvir a música que Adoniran fez para a letra *Bom dia, tristeza*, de autoria do Poetinha. Coisa de arrepiar.

Para toda essa gente que implicava, Adoniran tinha uma resposta neoerudita: "Gosto de samba e não foi fácil, pra mim, ser aceito como compositor, porque ninguém queria nada com as minhas letras que falavam 'nóis vai', 'nóis fumo', 'nóis fizemo', 'nóis peguemo'. Acontece que é preciso saber falar errado. Falar errado é uma arte, senão vira deboche".

Ele sabia o que fazia. Por isso dizia que falar errado era uma arte. A sua arte. Escolhida a dedo porque casava com seu tipo. O *Samba do Arnesto* é um monumento à fala errada, assim como *Tiro ao Álvaro*. O erudito podia resmungar, mas o povo se identificava.

PEREIRA, E. Disponível em: www.tribunapr.com.br.
Acesso em: 8 jul. 2024 (adaptado).

O "falar errado" a que o texto se refere constitui um preconceito em relação ao uso que Adoniran Barbosa fazia da língua em suas composições, pois esse uso

- A marcava a linguagem dos comediantes no mesmo período.
- B prejudicava a compreensão das canções pelo público.
- C denunciava a ausência de estilo nas letras de canção.
- D restringia a criação poética nas letras do compositor.
- E transgredia a norma-padrão vigente à época.

A prova de 2024 representa, dentro do recorte analisado, o ponto mais alto de coerência com as diretrizes da BNCC. As questões analisadas trabalham com as principais formas de variação — diastrática e diatópica — de maneira explícita, contextualizada e crítica. A questão 11 convida o candidato a refletir sobre como diferentes grupos sociais empregam vocabulários distintos, destacando a relação entre linguagem e identidade. A questão 11 aborda a variação diastrática, centrando-se no uso de vocabulários específicos por determinados grupos sociais. O texto de apoio e o enunciado conduzem o candidato à percepção de que o léxico não é uniforme nem neutro, mas atravessado por fatores como origem social, escolaridade, profissão e contexto cultural. Ao destacar expressões vinculadas a determinados grupos, a questão evidencia que a linguagem não apenas comunica, mas também identifica e distingue sujeitos. Assim, o vocabulário torna-se um marcador simbólico de pertencimento, refletindo trajetórias, vivências e posições sociais distintas dentro da sociedade brasileira.

Já a questão 14 explora a variação diatópica a partir da experiência de um falante maranhense que se desloca para o Rio de Janeiro e percebe reações ao seu modo de falar. O relato pessoal que serve de base para a questão revela os efeitos do deslocamento geográfico sobre a consciência linguística do sujeito, que passa a notar a diferença entre sua variedade regional e a expectativa linguística dominante no novo ambiente. A questão destaca, assim, como a convivência entre diferentes variedades pode gerar constrangimentos e questionamentos sobre o próprio modo de falar, além de trazer à tona o processo de desvalorização de falares regionais, muitas vezes vistos como "errados" ou "rústicos" em contextos urbanos mais centralizados.

A questão 39 é particularmente significativa por tratar da estigmatização de formas verbais populares, como “nóis fumo”, “nóis peguemo” e outras construções marcadas pela oralidade e pela fala cotidiana de camadas populares. Ainda que com abordagem indireta, a questão vai além da simples constatação da variação: ela convida o estudante a refletir sobre os mecanismos sociais que produzem e sustentam o desprestígio linguístico. Ao trazer exemplos diretamente associados ao falar de comunidades periféricas, a proposta se aproxima da defesa do reconhecimento da legitimidade dos falares marginalizados e a problematização dos padrões normativos impostos como superiores. Essa abordagem sugere um esforço por parte do ENEM em dialogar com as realidades linguísticas dos próprios estudantes, sobretudo aqueles historicamente excluídos dos espaços de prestígio e valorização da língua.

A análise da prova de 2024 mostra que, embora haja a presença de questões que contemplam a variação linguística, a abordagem ainda se mantém predominantemente

descritiva, centrada em aspectos lexicais e diacrônicos. Essa escolha evidencia uma continuidade em relação a edições anteriores, nas quais a pluralidade é reconhecida, mas não necessariamente problematizada em suas implicações sociais. Ainda assim, ao mobilizar diferentes usos e registros da língua, o exame contribui para reforçar a ideia de que o português brasileiro comporta múltiplas formas de expressão legítimas, deslocando-se, mesmo que de modo parcial, de uma visão homogênea da língua.

Sob a ótica da Sociolinguística, as questões desse ano confirmam o princípio de que a língua é um fenômeno social e dinâmico. Ao trazer à tona variantes de diferentes contextos, o ENEM sinaliza, mesmo que timidamente, que a comunicação não se realiza apenas pela norma padrão, mas também em práticas cotidianas e em grupos sociais diversos. Contudo, ao não explorar de forma crítica as hierarquias sociais que marcam essas variantes, a prova acaba por reforçar uma visão fragmentada da variação, tratando-a mais como curiosidade ou ilustração do que como componente estruturante da realidade linguística. Nesse sentido, dialoga-se com Coelho *et al.* (2012), que lembram que as variantes não devem ser vistas como falhas, mas como expressões legítimas das identidades dos falantes — uma perspectiva que o exame ainda precisa consolidar de modo mais consistente.

É interessante notar, ainda, que mesmo os temas das redações dessas três edições, embora não tratem diretamente da variação linguística, se relacionam com ela por vias socioculturais. A redação de 2016, cujo tema foi “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”, permite conexões com o preconceito linguístico ao pensarmos na estigmatização das formas de expressão oral associadas a grupos religiosos afro-brasileiros. Em 2024, a temática da redação — “Desafios para a valorização da herança africana no Brasil” — tem relação ainda mais direta com a variação linguística, ao passo que o falar afro-brasileiro carrega traços lexicais, fonéticos e sintáticos herdados de línguas africanas, e por isso mesmo é constantemente marginalizado. Valorizar essa herança, portanto, implica também reconhecer a legitimidade das formas linguísticas historicamente invisibilizadas ou estigmatizadas, e isso coloca o preconceito linguístico como um problema educacional, cultural e político.

5. Considerações Finais

A análise aqui desenvolvida percorreu um caminho que partiu da compreensão da variação linguística como fenômeno intrínseco às línguas naturais até o exame de como ela é tratada em um dos mais relevantes instrumentos de avaliação educacional do país, o Exame Nacional do Ensino Médio. Desde cedo, buscou-se evidenciar que a língua não se apresenta de forma estática ou homogênea, mas sim como um sistema dinâmico, moldado por fatores históricos, sociais, geográficos e culturais, e que essa pluralidade é constitutiva da identidade linguística brasileira. Sob essa perspectiva, a abordagem sociolinguística mostrou-se fundamental para romper com visões normativas restritivas e para situar a diversidade de usos da língua como um valor legítimo, que merece reconhecimento e espaço tanto na escola quanto nos exames de larga escala.

A discussão sobre a concepção de língua adotada nos documentos oficiais, especialmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular, revelou um alinhamento teórico que sustenta a valorização das diferentes variedades linguísticas. Os textos normativos, ao conceberem a linguagem como prática social e elemento de construção identitária, indicam que o ensino de Língua Portuguesa não deve se limitar ao domínio da norma-padrão, mas precisa proporcionar aos estudantes condições para compreender e transitar entre diferentes registros e variedades. Nesse sentido, a variação deixa de ser vista como erro e passa a ser compreendida como recurso expressivo e marca de pertencimento, o que implica também reconhecer e enfrentar o preconceito linguístico que, historicamente, recai sobre grupos e formas de falar marginalizados.

A partir desse referencial, a investigação voltou-se para as provas do ENEM, considerando que um exame de caráter nacional, ao avaliar milhões de estudantes, carrega consigo a responsabilidade de refletir as diretrizes educacionais que orientam o ensino no país. A escolha por analisar três edições específicas — 2016, 2020 e 2024 — permitiu observar possíveis mudanças na forma como a variação linguística foi contemplada ao longo do tempo. A prova de 2016 mostrou indícios de reconhecimento da diversidade linguística, mas com abordagens ainda superficiais, muitas vezes limitadas à ilustração de regionalismos ou contrastes entre registros, sem aprofundar a reflexão crítica. Em 2020, houve um avanço na direção de uma perspectiva mais sensível aos pressupostos sociolinguísticos, com questões que exploraram fenômenos da fala popular e mudanças históricas da língua, aproximando-se mais da realidade de uso do português. Já em 2024, as questões analisadas revelaram um tratamento mais coerente com as orientações da BNCC, valorizando a relação entre linguagem e

identidade, reconhecendo a legitimidade de formas associadas a grupos sociais específicos e convidando o candidato a refletir sobre o preconceito linguístico de forma mais explícita.

Essa trajetória evidencia um movimento gradual de incorporação dos princípios que regem a educação linguística contemporânea. Se, em um primeiro momento, a presença da variação no exame parecia mais incidental, com o tempo ela passou a ser trabalhada de modo mais consciente e articulado a discussões sociais mais amplas, como a discriminação linguística e a valorização da herança cultural. Essa mudança não apenas sinaliza um alinhamento maior do ENEM com as políticas curriculares vigentes, mas também aponta para o potencial de a avaliação servir como instrumento de transformação social, na medida em que desafia visões homogêneas e excludentes da língua.

Ainda assim, permanece evidente que há espaço para aprofundamento. Embora a edição mais recente analisada demonstre avanços significativos, a presença da variação linguística ainda é limitada no conjunto total da prova e, muitas vezes, aparece em questões isoladas, sem constituir um eixo mais robusto de avaliação. Um trabalho mais consistente poderia incorporar não apenas diferentes tipos de variação, mas também a articulação desses fenômenos a práticas discursivas concretas, situadas em contextos reais de interação. Isso contribuiria para consolidar a concepção de língua como prática social, deslocando definitivamente o exame de uma perspectiva centrada na prescrição normativa.

A reflexão aqui proposta também evidencia que, ao valorizar a diversidade linguística no contexto de uma prova nacional, não se está negligenciando a importância da norma-padrão. Pelo contrário, trata-se de compreender que o domínio dessa variedade deve coexistir com o reconhecimento das demais formas legítimas de expressão, de modo que o estudante possa fazer escolhas linguísticas conscientes e adequadas às situações de uso. Tal postura não apenas amplia a competência comunicativa, mas fortalece a autonomia e a identidade dos falantes, combatendo o estigma associado a determinadas formas de falar.

Por fim, retomar o percurso feito ao longo deste trabalho é também reafirmar que compreender a língua em sua pluralidade não é apenas um exercício acadêmico, mas um compromisso ético e político. Ao trazer para o centro da análise a presença — e a forma de tratamento — da variação linguística no ENEM, buscou-se contribuir para a discussão sobre a coerência entre as políticas curriculares e os instrumentos de avaliação. O estudo mostrou que avanços são possíveis e já estão em curso, mas que é preciso continuidade e ampliação dessas práticas para que se alcance uma educação linguística verdadeiramente inclusiva, capaz de reconhecer na diversidade não um obstáculo, mas uma riqueza a ser preservada e cultivada.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias – Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl Coelho et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1960].